

# TALVEZ O ESBOÇO DE RETRATOS: LILLIAN HELLMAN E CLARICE LISPECTOR

Júnia de Castro Magalhães Alves

## RESUMO

Esta é uma proposta comparatista que estabelece paralelos inter-hemisféricos entre dois trabalhos autobiográficos, a saber, *Maybe* de Lillian Hellman e *Clarice Lispector* de Olga Borelli. O estudo mostra que estes livros de memória funcionam como metaficção historiográfica. O eixo central de cada um dos textos em questão é uma mulher: Clarice Lispector, no primeiro e Sarah Cameron, no segundo. Em *Maybe* Lillian Hellman, utilizando-se da narrativa de primeira pessoa, conta a história de Sarah, onde verdades, meias verdades, recordações imprecisas, personagens reais e ficcionais se entrelaçam. *Clarice Lispector* é um simulacro capaz de mostrar o que Clarice não é através da polifonia textual orquestrada por Borelli. Nos dois livros, autobiografia e biografia confundem-se com história e ficção. A análise dos textos conclui que ambos podem ser classificados como pastiche de literatura de memória.

## ABSTRACT

This is a comparativist proposal that establishes interhemispheric parallels between two autobiographical works, namely, Lillian Hellman's *Maybe* and Olga Borelli's *Clarice Lispector*. The paper reveals how these books of memoirs function as

historiographic metafiction as they move into the realm of post-modern realism. The central axis of the narrative are women: Clarice for Borelli; Sarah, for Hellman. *Maybe* works with a first person narrative. Lillian Hellman tells of Sarah Cameron: a story that interweaves truth and half-truths, imprecise recollections, real and fictitious characters. Borelli's *Clarice Lispector* is a simulacrum, when it shows much of what Clarice was not through two intersecting voices. In both books biography and autobiography mingle with history and fiction, and the result is a pastiche of literature of memory.

*But I don't want to write about my historical conclusions — it isn't my game. I tell myself that ... if I stick to what I know, what happened to me, and a few others, I have a chance to write my own history of the time.<sup>1</sup>*

*Está bem, está bem: eu cedo e vou te contar uma história como naquela vez que você me ouviu e adormeceu tranqüilo: Sim? Nasci de um choque entre não e sim.<sup>2</sup>*

Talvez um esboço de retratos ou uma coleção de histórias. Um passo na trilha do neo-realismo pós-moderno. Uma série de contos de amor, de ódio, de paixão, ou simplesmente de vida. "Nouvelle" contemporânea. Metaficção historiográfica. Mescla de biografia e autobiografia. Pastiche da literatura de memória. Um último conto, um último canto. Isso tudo, mas além disso, e mais que isso, são *Talvez*, de Lillian Hellman, e *Clarice Lispector*, de Olga Borelli.

Nos dois trabalhos, o eixo centralizador da narrativa é uma mulher: Clarice, por Borelli; e Sarah, por Hellman.

*Talvez* trabalha a narrativa de primeira pessoa. Lillian Hellman conta Sarah Cameron: um conto entremeado de verdades e meias-verdades, de recordações imprecisas, de personagens reais e fictícias. Nele habitam e transitam Arthur Kober (marido da autora), Dashiell Hammett (seu companheiro por mais de trinta anos), os pais da autora, familiares, amigos e amantes, outra gente, outros nomes.

Sarah, a protagonista, escapa da realidade para a ficção. Ela seduz e fascina, mas também desagrada, repele e incomoda.

Meio deusa, meio vilã: artilosa, enganosa, misteriosa, indefinível, falaz. Lillian admite não confiar em Sarah e, até mesmo, em certas ocasiões, não gostar dela. Mas em sua fala transparecem traços de obsessão pela outra, pela “mentira” que ela (Sarah) é, pelo tormento que seria o alcance e o controle da verdade. Sarah surge: “Era sempre assim com Sarah invadindo todo o espaço...”<sup>3</sup> e, de repente, some da linha narrativa; um duplo dissimulado da própria escritora, talvez o que Lillian Hellman foi, mesclado àquilo que gostaria de ter sido. Lembranças entrecortadas de invenções, configurando “um possível parentesco discursivo entre as escritas da memória e do feminino”.<sup>4</sup> A voz da autora-narradora-personagem metaficcional, ora se destaca clara, ora esbarra na ilusão e na especificidade da protagonista, confundindo-se com ela e compreendendo o “quão pouco sabemos sobre qualquer relacionamento, ou até mesmo a nosso próprio respeito” (*Talvez*, p.1).

Como a imagem visual em *Clarice Lispector*, o odor é personagem coadjuvante no enredo de *Talvez*. Odor ligado a sexo assume papel preponderante na semiose da narrativa de Hellman, quando ela diz:

Naquela quarta noite, Alex e eu estávamos fumando na cama quando ele disse: [...] — Quer tomar um banho? [...] — Não, obrigada. — Tem certeza? [...] Respondi que tinha certeza absoluta, e o que ele estava pretendendo dizer? [...] — Porque — ele disse — você sempre tem um odor interessante, mas estranho.” (*Talvez*, p.6-7)

Sarah e Lillian, um mesmo caso, um mesmo jovem, os mesmos fatos, as mesmas situações, os mesmos comentários — conjecturas, verdade, mentira, ficção, desculpa, mistério — duplo. A indefinição de Sarah constrói-se a partir da “feminina desmemória”<sup>5</sup> de Lillian, que, no encaixe de “Mnemosyne, a deusa da memória, é capaz não só de promover o resgate do passado, como sua perda, seu esquecimento”,<sup>6</sup> durante o processo poético da criação. O resultado é um livro fluido, existencial, envolvente, onde a palavra é escorregadia, travessa, traiçoeira e subversiva, levando a conclusões contraditórias.

Assim como Lillian se identifica com Sarah, Olga espelha-

se em Clarice, ocupando o lugar da escritora, mas narrando através dela.

*Talvez* e *Clarice Lispector* são ambos esboços de retratos impossíveis. Os passos em direção à recuperação dos fatos esbarram em obstáculos, desvios, artifícios, incertezas, simulações, dissimulações e esquecimentos que acabam por escondê-los, privilegiando a invenção e a ficção dentro do texto memorialista.

Segundo Lúcia Castello Branco, “a escrita feminina consiste exatamente nesse discurso construído a partir da perda (como todo discurso, aliás), mas que não nega a perda, antes a exhibe, fazendo dela seu objeto, sua matéria”<sup>7</sup>.

Assim *Clarice Lispector*, de Borelli (como *Talvez*, de Hellman) é simulação, quando revela fragmentos do que Clarice é, através de duas vozes que se cruzam reverberando imagens visuais: “O que sou hoje são milhões de anos luz. Eu, que já fui incandescente (...) Tudo me toca — vejo demais, ouço demais, tudo exige demais de mim.”<sup>8</sup>

A semiose visual e sonora, em *Clarice Lispector*, e a semiose do faro, do olfato — do cheiro, do odor, do aroma, da fragância, do perfume em *Talvez*: “Eu tenho cheiro? (...) Eu acho que tenho mau cheiro e não posso suportar. paro no meio da rua para me cheirar. Ontem no *Le Printemps* quase pedi a uma mulher desconhecida para me cheirar” (*Talvez*, p.10), marcam a presença de uma necessidade, de uma tensão — a presença de uma ausência — estabelecendo uma relação de remessa para possíveis interpretações do jogo de palavras e do diálogo no texto, formulando indefinições, em vez de definições.

Quando Clarice pergunta, “O que é que eu sou?”<sup>9</sup>

Olga responde, “Defini-la é difícil”<sup>10</sup>; e acrescenta, “Você acha a vida boa?”<sup>11</sup>

Clarice. “É bom ser. Mas só isso.”<sup>12</sup> “Eu tenho medo de ser quem eu sou.”<sup>13</sup> “Eu não vejo a verdade: eu a fantasia.”<sup>14</sup> “Eu estou sempre INCOMPLETA.”<sup>15</sup>

E Lillian ecoa,

I do not regret that I have spent too much of my life trying to find what I called 'truth', trying to find what I called 'sense'. I never knew what I meant by truth, never made the sense I hoped for. All I mean is that I left too much of me UNFINISHED because I wasted

too much time. However.<sup>16</sup>

O produto do esforço criativo de Clarice/Borelli e de Sarah/Hellman é soma de vozes que atravessam e interferem umas nas outras, gerando uma polifonia dialógica, onde o lugar da autora confunde-se com o da narradora e com o da protagonista, no processo da enunciação.

O signo visual, em *Clarice Lispector*, e o olfativo, em *Talvez*, são ícones e/ou índices que representam (ou simulam) sobretudo o abstrato-espiritual e o concreto-mundano, respectivamente:

Clarice: A realidade me parece uma ilusão de ótica.<sup>17</sup>

Lillian: Sigmund Freud diz que ninguém é capaz de descrever um cheiro. (*Talvez*, p.21).

Clarice: ...os nossos olhos se cruzam e há uma compreensão que nasce e que é incompreensível pela minha consciência.<sup>18</sup>

Lillian: Trago muitos odores de minha infância em Hamburgo. (*Talvez*, p.20).

Clarice: Acredito no escuro.<sup>19</sup>

Lillian: Gosto muito do cheiro de esterco. (*Talvez*, p.20).  
Você gosta do cheiro de mulheres? (*Talvez*, p.21).  
Você gosta do meu cheiro? (*Talvez*, p.22).

Clarice: Eis que a escuridão se dilata e se afirma como um simples véu transparente - e eu vejo.<sup>20</sup>

Como se lê nos exemplos escolhidos — e muitos outros poderiam ser citados — os signos se repetem exaustivamente, num movimento retórico dialético crescente, rumo à evolução de uma idéia, via sedução pela luz e pelo olhar, em *Clarice*; e via sedução pelo odor, em *Talvez*.

E é assim, através da repetição e da representatividade dos signos, que Lillian, mulher real, se identifica com Sarah, mulher fictícia e, também como a outra, revela-se inacabada: ambas personagens de um livro sem fim.

E igualmente sem fim é *Clarice Lispector: um esboço de*

*retrato* — retrato incompleto de uma mulher incompleta. Autobiografia, memória, biografia ou estória? Eu conto, ela conta, nós contamos — ficção.

### Notas

- <sup>1</sup> HELLMAN, Lillian. *Scoundrel time*. Boston: Little, Brown and Company, 1976, p.41.
- <sup>2</sup> BORELLI, Olga. *Clarice Lispector*, esboço para um possível retrato. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981, p.11. Esta citação e as de números 8, 9, 12, 13, 14, 15, 17, 18, 19 e 20, que virão a seguir em pé-de-página, são palavras de Clarice Lispector. As de números 10 e 11 são palavras da própria Olga Borelli.
- <sup>3</sup> HELLMAN, Lillian. *Talvez*. Trad. Tonie Thomson. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1981, p.1. As outras referências feitas a esse livro virão indicadas entre parênteses no corpo do trabalho.
- <sup>4</sup> BRANCO, Lúcia Castello. *O que é escrita feminina*. São Paulo: Brasiliense, 1991, p.30.
- <sup>5</sup> BRANCO, Lúcia Castello. Op. cit., p.29.
- <sup>6</sup> Idem, p.31.
- <sup>7</sup> Idem, p.37
- <sup>8</sup> BORELLI, Olga. op. cit., p.11.
- <sup>9</sup> Idem, p.14.
- <sup>10</sup> Idem, p.14
- <sup>11</sup> Idem, p.21.
- <sup>12</sup> Idem, p.21.
- <sup>13</sup> Idem, p.21.
- <sup>14</sup> Idem, p.41.
- <sup>15</sup> Idem, p.23. Grifo meu.
- <sup>16</sup> HELLMAN, Lillian. *An unfinished woman: a memoir*. Boston: Bantam, 1974. p.244. Grifo meu.
- <sup>17</sup> BORELLI, Olga. Op.cit., p.41.
- <sup>18</sup> Idem, p.55.
- <sup>19</sup> Idem, p.56.
- <sup>20</sup> Idem, p.56.